

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

NILSON TSEREWATSA TSA'E'OMO'WA

A MORTE NA CULTURA XAVANTE

**Barra do Bugres
2016**

NILSON TSEREWATSA TSA'E'OMO'WA

A MORTE NA CULTURA XAVANTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T877m TSA'E'OMO'WA, Nilson Tserewatsa.

A morte na Cultura Xavante / Nilson Tserewatsa Tsa'e'omo'wa. – Barra do Bugres, 2016. 34 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini.

1. Ritual de Morte Xavante. 2. Educação Xavante. 3. Cultura

Imaterial. I. Travessini, N. P., Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

NILSON TSEREWATSA TSA'E'OMO'WA

A MORTE NA CULTURA XAVANTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 10 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Orientador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Avaliadora

Prof. Me. Isaias Munis Batista
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico meu trabalho para toda a comunidade da aldeia São Marcos, pelos constantes incentivos para realizar os exaustivos estudos com vistas a cumprir com os requisitos exigidos, principalmente nas etapas intermediárias.

Dedico também este trabalho a todos os meus familiares, indistintamente, pelo apoio recebido nos momentos em que mais precisei de incentivo. Este apoio tornou possível a realização com pleno êxito do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Dedico este trabalho aos anciãos, que se esmeraram em compartilhar a sabedoria acumulada ao longo de décadas de vida, que se revelaram extremamente relevantes para a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, a minha família, especialmente a minha esposa, que me incentivou em todos os momentos; e às minhas netas.

Agradeço aos meus pais, que me criaram e ensinaram a vida moral desde a minha infância; pela dedicação demonstrada ao cuidar de mim e pelas palavras de incentivo, fazendo com que fosse possível eu chegar a esse curso e me formar no curso de Pedagogia Intercultural.

Agradeço à comunidade da minha aldeia São Marcos, a minha escola, aos professores e aos anciões que contribuíram com a realização das entrevistas, em especial, ao ancião Senhor Daniel Tsi'ômowe Ni'wairero, que teve paciência em repetir as informações que tornaram possível registrar com pleno êxito a história Xavante.

Agradeço a todos e a todas da equipe de apoio que não mediram esforços para fornecer a nossa alimentação, a lavagem das nossas roupas e a limpeza dos nossos aposentos na Escola Agrícola.

Agradeço a UNEMAT, que ofereceu o curso de Pedagogia Intercultural aos indígenas de Mato Grosso. O meu agradecimento sempre será imenso pelo tempo que passei estudando nesta instituição.

RESUMO

O ritual de morte na cultura xavante revela uma ordem moral própria desse povo, que resulta em um significado específico de ver o mundo e tudo o que o habita. Ao falarmos de ordem moral, há que se compreender que o modo como os *Xavante* veem a si próprios e como eles se situam no mundo adquire um significado particular, próprio dos referenciais da sua cosmovisão. Nesse sentido, há que se compreender que a ordem moral vigente hoje, difere em muito das gerações pretéritas. Assim, em certa medida, o fenômeno do abandono das práticas culturais pelos mais jovens tem de ser compreendido como fruto das transformações com as quais os *Xavante* passam a conviver após o contato com a civilização judaico cristão ocidental. O objetivo geral da pesquisa consiste em fortalecer o respeito e a valorização da cultura tradicional do povo *Xavante*. Assim, como objetivo específico buscou-se recortar um aspecto da cultura tradicional xavante, resultando em uma melhor compreensão acerca do significado dos aspectos que constituem o ritual de morte dos *Xavante*. Para sistematizar os dados constantes nessa pesquisa, foram realizadas entrevistas com anciãos da comunidade da Aldeia São Marcos, município de Barra do Garças/MT. As entrevistas serviram como fundamento das informações a respeito das etapas do ritual de morte do povo *Xavante*. Sabemos que os conhecimentos e os saberes dos anciãos a respeito das práticas culturais são muito importantes, pois simbolicamente representam a vinculação do que os *Xavante* são hoje enquanto povo com sua ancestralidade ameríndia. As entrevistas foram realizadas em Língua Materna e transcritas para a Língua Portuguesa de modo a que possibilitassem uma análise mais criteriosa dos dados obtidos. Na condição de fontes escritas foram consultados os seguintes autores: B. Giaccaria; A. Heide; Lewis (2007) e Campbell (2008). Em conformidade com as tradições culturais xavante, antes do contato com os não indígenas, era imensa a liberdade para realizar rituais de toda a ordem, festas, caçadas, pesca, e, o ritual da morte. Nesse sentido, pretende-se aqui proporcionar, principalmente às gerações constituídas por crianças e jovens xavante, uma oportunidade de conhecer de modo mais aprofundado o significado dos aspectos envolvidos no ritual da morte dos *Xavante*. Assim, esta pesquisa pode vir a se tornar importante fonte de pesquisa nas escolas indígenas, particularmente as escolas xavante, dentre elas a Escola Estadual Indígena Don Felippo Rinaldi, Aldeia São Marcos/Barra do Garças-MT.

Palavras-chave: Ritual de morte Xavante. Educação Xavante. Cultura Imaterial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - O POVO XAVANTE.....	10
1.1 Mito de Origem do povo Xavante	10
1.2 Ritos de iniciação social. O oi'ó, afirmação da divisão em duas metades	11
CAPÍTULO II- EDUCAÇÃO DO POVO XAVANTE	14
2.1 Educação tradicional do povo Xavante	14
2.2 Como se ensina e como se aprende nas escolas indígenas	15
2.3 Educação escolar indígena.....	16
2.4 Educação escolar xavante a partir das experiências da Escola Dom Filippo Rinaldi	17
2.5 Projeto Político Pedagógico A Escola Estadual Indígena Dom Filippo Rinaldi: objetivos.....	18
CAPÍTULO III - O RITUAL DE MORTE XAVANTE	19
3.1 <i>Iwatsu'udzé</i> – Apresentação do tema: ritual de morte - Em Língua Materna	19
3.2 <i>IWATSU'UDZÉ</i> – Apresentação do tema: Ritual de morte - Em Língua Portuguesa	20
3.3 <i>Dawawa (u'manhari)</i> – Luto, choro – Em língua materna	20
3.4 <i>Dawawa (u'manhari)</i> – Luto, choro – Em língua portuguesa.....	21
3.5 <i>Wawa (ab're)</i> – Cova, buraco – Em língua materna	21
3.6 <i>Wawa ab're</i> – Cova, buraco – Em língua portuguesa	22
3.7 <i>Tsada're</i> – Bolo: símbolo de paz – Em língua materna.....	23
3.8 <i>Tsada're</i> – Bolo: símbolo de paz – Em língua portuguesa	23
3.9 <i>Da'rãpari</i> – Raspa da cabeça – Em língua materna	24
3.10 <i>Da'rãpari</i> – Raspa da cabeça – Em língua portuguesa	24
3.11 <i>Wamari nhimidzu</i> – Colocação da cruz no cemitério – Em língua materna	25
3.12 <i>Wamari nhimidzu</i> – Colocação da cruz no cemitério – Em língua portuguesa	25
3.13 <i>Uiwede (i'rãiwã)</i> - Corrida de tora de buriti – Em língua materna	26
3.14 <i>Uiwede (i'rãiwã)</i> - Corrida de Tora de Buriti – Em língua portuguesa.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30
CONSULTORES NATIVOS.....	30

INTRODUÇÃO

Os Xavante têm se notabilizado no tocante a preservação de importantes aspectos referentes às suas práticas culturais tradicionais. Para efeitos de recorte de pesquisa, este trabalho de conclusão de curso propõe discutir um elemento da cultura Xavante de suma importância no que diz respeito ao significado atribuído ao ritual da morte. Nas seções constantes neste trabalho foram explicitados, grosso modo, os seis aspectos que fazem parte do ritual da morte Xavante, a saber Dawawa (U'Manhari) – Luto, choro; Wawa (Ab're) – cova, buraco; Tsada're – Bolo, símbolo de paz; Da'rãpari – Raspa de cabeça; Wamari nhimidzu – Colocação da cruz e Uiwede – Corrida de tora de buriti. Cabe ressaltar que as referidas seções foram escritas em Língua Materna (Xavante) e posteriormente traduzidas para a Língua Portuguesa.

Como fonte privilegiada de pesquisa, recorreu-se ao uso de entrevistas com os anciãos, que se pronunciaram em Língua Materna. Posteriormente, estas conversas foram transcritas para a Língua Portuguesa e após a sistematização realizou-se a análise dos dados, que se revelaram importantes para elucidar ainda mais aspectos substanciais da temática em tela.

A rigor, a entrevista consiste em uma ferramenta de pesquisa que propicia ao pesquisador a obtenção de uma quantidade significativa de dados relevantes acerca do objeto de estudo. Para Gil (1999) o passo seguinte à realização da entrevista consiste em realizar a transcrição de modo o mais fidedigno possível para proporcionar uma análise criteriosa das informações obtidas.

Na condição de fonte nativa privilegiada, cabe destacar o ancião Daniel Tsi'ômõwe Ni'wairero - A'uwẽUptabi, Xavante. Muitos outros tantos anciãos Xavante moradores da Aldeia São Marcos, município de Barra do Garças/MT, também contribuíram de maneira significativa ao trazer ao lume informações que se revelaram importantes para melhor elucidar o complexo significado do ritual de morte dos Xavante.

Foram consultados documentos escritos por renomados autores, a saber, B. Giaccaria; A. Heide, Lewis (2007) e Campbell (2008) para elucidar importantes questões relativas ao tema de pesquisa.

O ritual, como o da morte na cultura Xavante, revela uma ordem moral própria desse povo, que resulta em um significado específico de ver o mundo e tudo o que o habita. Ao falarmos de ordem moral, há que se compreender que o modo de o Xavante ver e de se situar no mundo adquire um significado particular, próprio dos referenciais da sua cultura material e imaterial. Nesse sentido, há que se compreender que a ordem moral vigente hoje, difere em

muito das gerações pretéritas, como asseverado por Campbell (2008, p.13) “A ordem moral tem de se harmonizar com as necessidades morais da vida real, no tempo, aqui e agora.”. Assim, em certa medida, o fenômeno do abandono das práticas culturais dos mais jovens tem de ser compreendido como fruto das transformações pelas quais passa a sociedade xavante.

Objetivo geral da pesquisa consiste em resgatar o respeito e a valorização da cultura tradicional do povo Xavante. Assim, como objetivo específico buscou-se recortar um aspecto da cultura tradicional xavante, buscando promover o resgate da valorização da prática do ritual de morte dos Xavante.

Para sistematizar os dados constantes nessa pesquisa, foram realizadas entrevistas com anciãos da comunidade da Aldeia São Marcos. A finalidade das entrevistas consistiu em fazer uma retomada da narrativa mítica para compreender a história da origem do nosso povo Xavante. As entrevistas serviram como fundamento também às informações a respeito das etapas do ritual de morte xavante. Sabemos que os conhecimentos e os saberes dos anciãos a respeito das nossas práticas culturais são muito importantes, pois simbolicamente representam a vinculação do que nós somos hoje enquanto povo, com a ancestralidade do passado Xavante.

A pesquisa está dividida nas seguintes seções. Introdução, na qual são delineados o tema da pesquisa, seus objetivos e a metodologia. No primeiro capítulo, nos propomos discutir a história do povo Xavante. Para isso, é fundamental promover a retomada da narrativa mítica para uma melhor compreensão a respeito da origem dos Xavante. No segundo capítulo, são tratados os conceitos de educação nos contextos da educação formal e da tradição imemorial xavante. No terceiro capítulo, realizou-se um estudo mais aprofundado acerca do ritual de morte Xavante, com uma descrição detalhada das etapas que o constituem. Buscou-se também explorar o significado de cada prática cultural implicada nesse processo ritualístico.

CAPÍTULO I - O POVO XAVANTE

1.1 Mito de Origem do povo Xavante

O ponto de partida para compreender a história épica do povo Xavante se encontra na narrativa mitológica. Bem compreendido que a concepção de mito adotada aqui compreende-o como “aquele campo de referência àquilo que é absolutamente transcendente” (CAMPBELL, 2008, p.51). Ainda na esteira deste autor, o mito é compreendido como:

Agora, o que é um mito? A definição de dicionário seria: História sobre deuses. Isso obriga a fazer a pergunta seguinte: Que é um deus? Um deus é personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes do seu próprio corpo e da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo (CAMPBELL, 2008, p.32).

Assim, do ponto de vista do recorte necessário para a construção teórica aqui ensejada, importa recorrer ao Mito de Origem do povo *Xavante* contado na voz de três personagens, a saber, o próprio autor desta pesquisa, o ancião Daniel *Tsi'omowe*, e por fim, o Padre Bartolomeu Giaccaria (2007).

No começo, apareceu um grande arco-íris. Saiu dele uma voz, que colocou sobre a Terra dois homens, dando-lhes o nome. Um foi chamado *BUTSÉWAWÊ*, o outro, *TSA'AMRI*. Eles se queixaram um com o outro, porque não tinham companheiras. A mesma voz ordenou a *BUTSEWAWÊ*:

- Procure seis pauzinhos: três você tirará da planta denominada *WÊ RÊ WAWÊ* e irá coloca-los de um lado; e três, que tirará da planta denominada *WAMARI* os colocará do outro lado. Risque um dos pauzinhos do primeiro grupo, de vermelho e um do segundo grupo, de preto.

Terminado esse trabalho, *BUTSEWAWÊ* chamou *TSA'AMRI* e disse:

- Escolha conforme a sua preferência.

TSA'AMRI escolheu o pauzinho riscado de vermelho. Do pauzinho *WE RE WAWÊ*, surgiu uma mulher para *BUTSEWAWÊ* e, do outro, uma mulher para *TSA'AMRI*.

BUTSEWAWÊ deu a mulher que surgiu do pauzinho riscado de preto, em esposa, a *TSA'AMRI* e este a mulher que surgiu do vermelho, em esposa, a *BUTSEWAWÊ*. Os dois homens entenderam o significado dos pauzinhos: a cor do pauzinho escolhido em que tinha

transformando em mulher era a marca (símbolo) da divisão da aldeia em clãs, estabelecendo, assim, a organização da descendência. Depois disso, cada um deu o nome à própria esposa.

BUTSEWAWÊ chamou a esposa de *TSINHOTSÉ'ÉWAWÊ* e *TSA'AMRI* chamou a sua de *WA'OTÔMOWAWÊ*. Após terem dado o nome às suas esposas, perfumaram os lóbulos das orelhas um do outro com o osso da onça parda.

Foi assim que teve origem o rito da perfuração dos lóbulos das orelhas entre o Xavante.

Os dois homens faziam oração (súplica) todos os dias, virados para o Oriente, segurando na mão direita (que significa esperança) a flecha sagrada. Estas flechas tinham sido dadas pela voz do arco-íris, logo no início, aos dois homens. Esta oração era dirigida ao *DANHIMITE* e era repetida três vezes por dia: “*He, he, he, wewa te dame dato pibuihö, to tane*”. (Oh, oh, oh, quero uma criança e vê-la. Assim mesmo). E assim nasceram, primeiro os filhos; depois, nasceram duas filhas.

1.2 Ritos de iniciação social. O oi'ó, afirmação da divisão em duas metades

O menino Xavante, desde os primeiros anos de sua vida, é envolvido no contexto da realidade clânica vivenciada em sua etnia. Existem duas metades exogâmicas e duas clãs. A metade dos clãs são chamados de *Po'redza'õno* (Girino) e outra metade *Öwawe* (Rio Grande). Essa divisão exogâmica, fonte de contínuas tensões que permeiam toda a estrutura social, de certo modo causa um impacto muito grande na vida da comunidade.

O nome *Oi'ó* que simboliza uma prática cultural muito valorizada na sociedade Xavante, provém de uma raiz de uma planta tubercular com o mesmo nome, usada na luta. Os meninos, às vezes mal sabem andar e já são inseridos pelos seus pais nessa luta. Os meninos costumam ser pintados de vermelho e de preto para lutar, de acordo com os respectivos tamanhos. A luta do *Oi'ó* ocorre no centro da aldeia. São constituídos dois lados opostos, *Po'redza'õno* de um lado, e *Öwawe* do lado oposto. Os pais acompanhados pelos seus filhos se preparam para o combate. O pai tem outros tantos *Oi'ó* (raiz) de reserva na mão para oferecer ao filho caso uma tenha se deteriorado no decorrer da luta.

Para a luta, um pai de um lado convida o pai do outro lado a colocarem seus filhos em competição. O menino segura firmemente o *Oi'ó* com as duas mãos e vai ao encontro do adversário. Cada pai acompanha seu filho a pouca distância para a luta levando os *Oi'ó* de reserva. Ao estarem um frente ao outro, cada um bate no braço esquerdo do companheiro

enquanto recebe outras tantas pancadas. Cada pai incentiva seu filho a valentia e a dureza. Assim continuam batendo até que um deles desiste. Não se trata, porém, de definir vencedor e vencido. Nada disso! Volta a seguir para suas filas, aguardando outros candidatos para a luta. Os que já lutaram podem ser chamados outra vez para a lutar, podendo ser o mesmo ou com outro adversário.

Quando se tornarem já adolescente e em condições de suportarem o *Oi'ó* demoradamente a ponto de desistirem por cansaço e não mais por conta da dor, passam a ser considerados plenamente capazes de se tornarem *Wapté*.

Por isso, os pais proibem seus filhos de baterem em seus colegas antes de acontecer a festa de luta.

Do ponto de vista sociológico, o ritual do *Oi'ó* cumpre com a finalidade de dirimir as tensões que surgem entre as metades clânicas que constituem a sociedade Xavante. Ao se sujeitarem às regras implicadas na competição, os sujeitos aprendem a lutar sem guardar raiva e assim, quando crescem, não brigarão com os da metade oposta.

Com isso, pode-se deduzir que, o *Oi'ó*, de um lado, se constitui em um momento pedagógico de aprendizagem, pois é requerida a valentia para lutar com os da outra metade, de outro lado, é um momento de confraternização dos adversários ao colocarem seus filhos em competição.

Quando os meninos se tornarem *Wapté* (adolescentes), eles têm casa isolada da aldeia, é lá que vão morar os *Wapté*.

Os meninos se tornando adolescentes, vão se dirigindo ao *Hö* (casa dos adolescentes) para receberem os aconselhamentos dos *Danhohui'wa* (padrinho). A rigor os conselhos recebidos na casa dos adolescentes são os mesmos já recebidos dos próprios pais, quando ainda crianças, a saber, não brincar mais com os meninos e meninas, não olhar mais para as mulheres, não entrar na aldeia e na casa dos pais, e ficar sempre na casa do adolescente.

Todos esses conselhos dados aos adolescentes, eles os cumprem. Todas as coisas negativas eles não praticam. Portanto a vida do adolescente (*Wapté*), durante 5 ou 6 anos, se dá em uma casa que fica afastada das demais casas da aldeia, lá eles aprendem as práticas culturais, tecnologia do povo e respeitar os mais velhos, respeitar a mulher e respeitar a todas as pessoas do seu convívio.

Portanto, na cultura xavante cabe aos pais a responsabilidade de educar seus filhos quando ainda crianças, e os padrinhos quando adolescentes.

Durante a fase de *Wapté*, eles aprendem técnicas relativas a fabricação de utensílios para a vida de adultos, como confeccionar arcos e flechas, trançar esteira, confeccionar diversos

utensílios cerimoniais. Eles podem sair para caçar bichos pequenos, sempre em grupos, e acompanhados pelos padrinhos. Eles entregam com toda alegria o resultado da caçada aos padrinhos ou a outros adultos que os acompanharem na caça, pois devem aprender a generosidade.

Depois de terminar de ser *Wapté*, ou após terminada a fase de ser *Wapté*, tem início a fase do *Ritéi'wa* (adolescente orelha furada). Daí em diante, os adolescentes já são homens, são capazes de fazer artesanatos sozinhos, são capazes de caçar sozinhos. A perfuração de orelha significa que o adolescente já é homem, disposto a casar, só quando ele quiser, depende do homem. Também significa que os adolescentes são guerreiros, prontos a combater os perigos. E preparados para os trabalhos duros.

Então ingressam na fase do *Danhohui'wa* (padrinho). Ao se tornar apto a ser padrinho são inseridos na vida dos adultos.

Se eles já são padrinhos, significa que eles são capazes de aconselhar os afilhados, passando o que eles aprenderam na era da adolescência, principalmente passando coisas positivas. Essa é prática cultural é ancestral mas ocorre também no tempo presente.

CAPÍTULO II- EDUCAÇÃO DO POVO XAVANTE

Nesse capítulo, discutiremos o significado da educação escolar entre os *Xavantes*. Como recorte, focalizaremos a Aldeia São Marcos. O complemento para a educação formal escolar indígena é a educação tradicional xavante.

2.1 Educação tradicional do povo Xavante

Em conformidade com a educação tradicional Xavante, o ensinar e o aprender fazem parte de um único e mesmo processo. Não se trata de processos dicotômicos, que primeiro se aprende a como ensinar para depois colocar em prática o processo em si da aprendizagem, tal qual ocorre com a educação escolar convencional. Ou isto dito de outro modo, para nós a aprendizagem e o ensinamento se dá ao longo de toda vida nas atividades cotidianas desenvolvidas tanto no contexto da aldeia, quanto em um contexto de contato mais estendido com a sociedade do entorno. Aprende-se dos mais diferentes jeitos e em vários momentos. O que se aprende e com quem se aprende também é muito diverso em cada lugar.

A observação se constitui em um referencial muito importante do processo ensino aprendizagem das crianças Xavante na medida em que é observando a prática desenvolvida pelos adultos Xavante que elas assimilam aprendizados importantes para o contexto de mundo da vida próprio dos afazeres necessários. Assim, aprendem muita coisa com seus pais e parentes mais próximos, como os irmãos, parentes e os avós. Os conhecimentos podem ser transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais, durante os rituais e as festas.

É principalmente na relação com seus parentes que as crianças aprendem. Caminham junto com eles, observam atentamente aquilo que os mais velhos estão fazendo ou dizendo; acompanham seus pais até a roça; vão pescar com os adultos e brincam muito! Cada brincadeira é um jeito, na medida em que requer o conhecimento e o domínio de determinadas habilidades que se revelam imprescindíveis para lograr o êxito desejado.

É importante ressaltar que as brincadeiras relacionadas a educação tradicional Xavante são revestidas de um caráter pedagógico fundamental. Quer dizer, na nossa cultura tradicional, não faz sentido brincar por brincar! Ao contrário, toda e qualquer atividade lúdica tem como objetivo preparar a criança para o desempenho futuro de uma atividade

realizada pelos adultos, por exemplo, os meninos aprendem a dominar técnicas de caça, pesca, e as habilidades requeridas na arte da pintura corporal, no rigoroso processo de fazer arcos e flechas, potes, cestos, etc. No momento que a criança Xavante está, no olhar de um não indígena, desenvolvendo uma brincadeira despreziosa, sem finalidade, está na verdade potencializando as habilidades que serão indispensáveis para realizar as atividades do seu dia-a-dia para o resto da sua vida.

Na convivência com os mais velhos, aprende-se o jeito certo de se comportar e de se relacionar com todos da família e do grupo. Dessa forma as crianças aprendem, por exemplo, quem são as pessoas que devem ser tratadas como irmãos e irmãs, como tios e tias, com quem poderão se casar no futuro. Dessa maneira vão entendendo qual a sua importância na comunidade.

Pouco a pouco, as crianças aprendem os modos de agir, os princípios e tudo aquilo que é importante para que se tornem pessoas produtivas e participativas. Para isso é muito importante estarem sempre atentas aos trabalhos diários e ao aprendizado e transmissão de conhecimentos.

2.2 Como se ensina e como se aprende nas escolas indígenas

Aprende-se dos mais diferentes jeitos e em vários momentos, como já explicitado acima. O que se aprende e com quem se aprende também é muito diverso em cada lugar. As crianças indígenas aprendem muita coisa com seus pais e parentes mais próximos, como os irmãos e os avós.

Os conhecimentos podem ser transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais, durante os rituais e as festas. É principalmente na relação com seus parentes que as crianças aprendem.

Caminham junto com eles, observam atentamente aquilo que os mais velhos estão fazendo ou dizendo; acompanham seus pais até a roça; vão pescar com os adultos e brincam muito! Cada brincadeira é um jeito de aprender, uma habilidade que será importante no futuro, como saber caçar, pescar, fazer pinturas no corpo, fabricar arcos e flechas, potes, cestos e etc.

É por meio desses processos de aprendizagem que as crianças aprimoram as técnicas necessárias para realizar tais atividades.

Na convivência com os mais velhos, aprende-se o jeito certo de se comportar e de se relacionar com todos da família e do grupo. Dessa forma as crianças aprendem, quem são as pessoas que devem ser tratadas como irmãos e irmãs, como tios e tias, com quem poderão se casar no futuro.

Dessa maneira, vão entendendo qual a sua importância na comunidade. Pouco a pouco as crianças aprendem os modos de agir, os princípios e tudo aquilo que é importante para que se tornem pessoas produtivas e participativas.

Para isso, é muito importante estarem sempre atentas aos trabalhos diários e ao aprendizado e transmissão de conhecimentos. Tem escola na aldeia? Sim, muitas aldeias têm escola! Como se sabe, a maioria das aldeias fica dentro de Terras Indígenas, assim, cada Terra pode ter uma ou mais escolas. Isso vai depender de seu tamanho e da situação de cada comunidade, também o número de criança que precisa estudar.

As escolas indígenas, assim como aquelas dos não índios, também são um espaço de aprendizado das crianças. Muitas vezes o conteúdo que é ensinado ali, pelos professores, é bem diferente daquele que é transmitido pelos parentes na aldeia.

É claro que estes conteúdos podem se misturar em alguns momentos, mas a escola tem como foco ensinar a escrever, ler, fazer conta, entre outros conhecimentos importantes para o diálogo com o mundo dos não índios, já os parentes ensinam as formas de se organizar da comunidade, como produzir artefatos e tudo aquilo que é importante para se viver bem naquele grupo.

Além disso, o conteúdo que se aprende nas escolas indígenas é diferente daquele das escolas dos não índios. Isso porque os povos indígenas têm direito a ter uma escola diferenciada, isto é, uma escola que ensine conteúdos que se relacionem com a cultura e a língua de cada povo. Mas nem sempre esses direitos são respeitados. Muitas vezes, os professores e os livros usados nas escolas indígenas falam de assuntos que não estão ligados ao cotidiano das comunidades indígenas e ensinam o ponto de vista dos não índios como o único ponto de vista correto.

2.3 Educação escolar indígena

A história da educação nas escolas indígenas no Brasil mostra que, de um modo geral, a escola buscou integrar as populações indígenas à sociedade à sua volta, ou seja, fazer com que eles fizessem parte dela. Mas a “integração” era, na verdade, uma tentativa de fazer com

que os índios vivessem como os não índios, ensinando-os a falar, ler e escrever em português, a língua oficial do país.

Somente há pouco tempo, línguas indígenas passaram a ser usadas na escola. A escola pode ajudar a valorizar as línguas indígenas? Nos anos 90, surgiram novas escolas indígenas preocupadas em respeitar as diferentes culturas, especialmente as línguas. Assim, a escola passou a ser um espaço que estimula e fortalece o uso das línguas indígenas.

Foi a partir desse momento que os próprios índios se tornaram professores nas escolas das aldeias e a língua indígena passou a ser utilizada em sala de aula. Os conteúdos tratados nos cursos foram adaptados pelos próprios índios para dialogar melhor com a realidade vivida por cada comunidade.

A escola indígena, além de abordar muitos conteúdos que os não índios aprendem, ensinar a fazer conta, a ler e a escrever na língua indígena, também passou a incluir os conhecimentos locais na sala de aula. Os alunos aprendem como usar os recursos naturais e cuidar do ambiente e do território onde vivem, aprendem sobre a história de seus antepassados, seus mitos, etc. Além disso, seu calendário escolar é diferente, pois respeita as festas e rituais locais.

Essa nova educação ajuda a valorizar a língua indígena, e também todo o modo de ser do grupo que a criança pertence, isso porque ela aprende conteúdos que se referem à sua vida e a vida de sua comunidade. Por que aprender Português é importante? Mesmo tendo aulas na língua indígena é muito importante aprender o português na escola. Saber falar a língua portuguesa é uma das maneiras que os povos indígenas têm para se comunicar com diferentes pessoas, interpretar e compreender as leis que orientam a vida no país, principalmente, aquelas que dizem respeito aos direitos dos índios.

Afinal, todos os documentos necessários para viver na sociedade brasileira, são escritos em Português. O aprendizado da escrita em Português tem, para os povos indígenas, funções muito claras: dá chance de defenderem seus direitos e acesso ao conhecimento de outras sociedades.

2.4 Educação escolar xavante a partir das experiências da Escola Dom Filippo Rinaldi

A Escola Indígena Estadual “Dom Filippo Rinaldi”, com sede na Aldeia São Marcos, Município de Barra do Garças – MT, CNPJ 01.609.157/0001-81, é mantida pela Rede Oficial de Ensino do Estado de Mato Grosso, através da Secretaria de Estado de Educação, sob

orientação da Missão Salesiana de Mato Grosso e Inspeção Nossa Senhora da Paz, funcionando em dois turnos, tendo sido criada pelo Decreto no. 2.179 de 26/08/1974, autorizada e reconhecida pela Portaria 009/04 do CEE/MT.

A Escola Indígena Estadual “Dom Filippo Rinaldi” funciona em regime de externado, nos turnos matutino e vespertino, atendendo a clientela indígena xavante masculina e feminina e mantendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio Regular.

A Direção, órgão de coordenação, execução e controle das atividades do Estabelecimento de Ensino é constituído por um diretor legalmente habilitado e qualificado para o exercício da função. O diretor é indicado pela MSMT (Missão Salesiana de Mato Grosso) e Inspeção Nossa Senhora da Paz e nomeado pelo senhor governador do Estado de Mato Grosso.

2.5 Projeto Político Pedagógico A Escola Estadual Indígena Dom Filippo Rinaldi: objetivos

A Escola Indígena Estadual “Dom Filippo Rinaldi” tem os seguintes objetivos, conforme seu Projeto Político Pedagógico:

- Valorizar a pedagogia indígena nas suas formas de educação;
- Elaborar um currículo com conteúdos e metodologias apropriados, que prepara o indígena xavante não só a viver em plenitude a própria cultura, mas também a se afirmar na convivência com a sociedade nacional, visando sua autodeterminação e defesa de seus direitos;
- Preparar os professores indígenas como os mais aptos para lecionar, pelos conhecimentos das normas de comportamento, das tradições e da língua do povo *Xavante*;
- Alfabetizar sempre na língua indígena, seguindo-se depois o ensino bilíngue;
- Elaborar textos escolares cujos conteúdos abarquem costumes, tradições e formas de expressão da comunidade indígena xavante;
- Levar o jovem à compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, da família e da sua comunidade, ao respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem, bem como ao fortalecimento da solidariedade.

CAPÍTULO III - O RITUAL DE MORTE XAVANTE

Este capítulo se constitui de uma análise das etapas envolvidas no ritual de morte do povo *Xavante*. Há que se compreender que um ritual tal qual, cujas etapas são descritas nas seções que compõem este capítulo, tem de ser compreendida na dimensão que o Povo Xavante confere a vida enquanto totalidade, que em conformidade com a cosmologia Xavante, tem como parte constitutiva o cessar da vida enquanto existência terrena, cuja continuidade se dá em uma dimensão transcendental envolta em mistério.

Nesse sentido, Campbell (2008, p.32) lembra que a função do ritual consiste em vincular o ato envolto em dado ritual à dimensão ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira. E o mito é aquele campo de referência àquilo que é absolutamente transcendente.”. (CAMPBELL, 2008, p.51). Trata-se de validar a função do ritual sagrado como um modo de harmonizar a vida das pessoas que o praticam de um modo duplo, ou seja, em um primeiro plano buscar a harmonia interpessoal, e em outra dimensão, buscar a harmonia das pessoas com o próprio universo.

3.1 *Iwatsu'udzé* – Apresentação do tema: ritual de morte - Em Língua Materna

Itsitsanawã, atsitsanawã duré õhõ tsitsanawã, wawi tsi aba'rei monomhã, te aihini 're datsiwa'õdza'ra datsihoibadzô hã, daba'a ãna hã. Tahawa wahöïmanadzé 're ihöïmana mono hã te ba'a petse na datsitsada're dahöïmana dza'ra wama 're ihöïmana mono hã, wawamri hã, ÖWAVE duré PO'REDZA'ÕNO.

Öwawe ma tö'õ wamhã Po'redza'õno te te're wawa dza'ra, te te're ab'redza'ra. Duréi hã aibõ tsi wawai'wa hã, tane nhere tsiwa'ru'õdi, wai'a na tsada dahöïmanadzé hã. Datsi ama re datsiba petse dza'ra mono wamhã, te're höïmana rówairi dzé hã, tahawa dza ni'wa ai u're, dawaparidzawi te hã, te te tama redzaihõ monoda hã da'ubana datsi'madzatsi õdi, tsada're dzebre ni.

Tawamhã, aihini dza tsi'rã pari, itsitsanawãi mono hã, damrõ hã, da'rawapté mono hã, datsidana hã, dza höïmana pré dumna hã dza aihini tihöïmana dzé hã tsiwi manhã, mara tsiwapt'r wamhã, dza aihini tsitsô hã itsitsanawa aibõ hã.

Dza tsi'u're, dza tipró tsina tsa'ra, dza tipró wara, dza tô ãma tanhopréni, 'wamaridza ótó tsiwi wadze'ri hawi, dza tsina bö, dza tama mo adõ'õ 'ru u hã te te tsiwi tsari parimhã

aihini dza apö tama mo, timama nhorowa uhã, dza u manharidza 'ra. Tahapari dza ótó timreme tsiwi titsô warãiba hã, i 'ahô ma hã, mari dató hõimana da hã, dza tamé 'ritéi 'wa hã robdzadza uiwede hõimana da hã, ãne te 're hõimana wahõimanadzé hã.

3.2 IWATSU'UDZÉ – Apresentação do tema: Ritual de morte - Em Língua Portuguesa

Quando acontece a mortalidade de um Xavante, tanto do clã *Öwawe* como do clã *Po' redza'õno*, toda a família participa do luto, principalmente os irmãos do morto.

Quando morre uma pessoa do clã *Öwawe*, as pessoas do clã *Po' redza'õno* fazem a cova para colocar o falecido na sepultura. Os homens do grupo *Wai'a* Guardiões do Cerrado são os responsáveis para fazer a cova. O homem chamando Pacificador (*Wamaridzuptede'wa*) apresenta o bolo, que simboliza o cessar do sofrimento da família do morto. Todas as famílias raspam as suas cabeças para simbolizar o respeito para com os familiares do ente querido.

Com o passar dos dias, todos começam os preparativos dos rituais relativos ao Sétimo Dia. As pessoas se pintam de preto para levar a cruz para o cemitério para colocar no túmulo do morto. Após colocar a cruz no túmulo, as pessoas da família voltam para casa e choraram continuamente. Essa cruz simboliza o espírito de acompanhamento da alma do cadáver de uma família através do pacificador.

Passados os dias de luto, começam os preparativos da festa, que tem como ponto alto a corrida de tora de buriti.

3.3 Dawawa (u'manhari) – Luto, choro – Em língua materna

A'uwe hõimana dzé hã, te're hõimana wahi'rata nori hõimanadzé hã, itsitsi hã "Dawawa" (u'manhari).

Wamama, wana , wahidiba, wa'rawapté, wawi 'redö'ödza'ra mono wamhã, wawi're tsi'utõri dza'ra mono wamhã, watô wahõimanadzéb na hã, watsitso 're wa ry'ry, wape'edzé te hã. Emariwa, ótó apö hã,dama dö'ö õwa, danhopete dzahu'õwa, watô watsitsô hã're watsiwa õdza'ra.

tsitsanawãi ahô hã, nemo dza 'reptã tiwawa na hã, wawa pipa na hã dza tô 're manhari dza'ra. Datsi ama dató hã, babadi, hõimana õdi, ropipa na te're dahõimanadza'ra.

Duréi hã, mari iputsipe, adö'ö'ru u hã, tahawa, te datsi ãma 're dahöimana prédubdza'ra te're datsiwadzé we dza'ra datsi'ãma datói ãna hã, 're dahöimanadza'ra.

U'manhari hã (dawawai'manhari), tsirui'rãdzédi, u'manhari u'ötsi na hã, te're danho're a petsedza'ra datsitsô hã. ãne te datsi tsô hã're dahöimana dza'ra a'uwe tsiré hã.

Ótó, awa'awi hã, ma dahöimana dzé hã ma we tiwa tsété, oto datsotsô hã da'ry'ry mono ôdi, datsitsô datsiwa'öi'ôdi, rowadzé te ótó 're höimana, durei né hã maredi.

Duréi hã, dahöimana dzé iwe, itsawi, ãma dahöimana prédu, datsi ãma datói'ô. ãne te're romhoimana, adö'ö dzô dahöimana hã.

3.4 Dawawa (u'manhari) – Luto, choro – Em língua portuguesa

Faz parte da tradição cultural Xavante manifestar o mais absoluto respeito em relação ao “Luto”. Quando acontece a mortalidade de uma pessoa de uma família seja o pai, a mãe, irmão(a), sobrinho(a), todos da família participam do ritual de luto. Não são permitidos nenhum tipo de brincadeira enquanto a família estiver enlutada, pois as brincadeiras têm simbolização de perigo!

As lamentações intermitentes normalmente podem ocasionar mal estar, como dor de cabeça e provocar rouquidão em função do uso contínuo da voz.

Segundo os anciãos, o ritual de luto era praticado de um modo mais intenso pelos Xavante de outrora. Após o contato com o modo de vida judaico-cristão ocidental, a prática do ritual do luto perdeu muito da sua força original. Na avaliação dos anciãos, as novas gerações Xavante quase não estão valorizando os rituais próprios de sua cultura, dentre eles o ritual do luto pela perda de ente querido. Como exemplo é citado o fato de que muito poucos jovens raspam a cabeça, pois dizem sentir vergonha com tal prática cultural milenar Xavante.

3.5 Wawa (ab're) – Cova, buraco – Em língua materna

Wawai'manhari hã, iwe ôdi, piredi, pipadi, dawatsudu hã, te tsa'ete date're manhari dza'ra. Duréi hã, a'uwe tsiré hã, tsiwa'ru da te're ab're dza'ra mono ôdi. Pi'öi wi hã itsawipe, te dame i'ab're dza'ra mono da hã, duré ab're na hã, ãma datsima datói ôdi.

Tahawa durei hã aibö tsi te te 're romhuri dza'ra, duré tsiwa'ru aibö te iromhuridza'ra da hã maredi. Wai'a na, te tsada're da tsi'wa mari dza'ra, da'ãma wai'a'wa iprédu riti

wamhã, tsarihöré dza ab're. Ai'uté 'rene wamhã, tsari'rã ôtöré dza, dza romhu, tsa'ete hã, dza tsiwatsutu dza'ra wawa na hã, nemo dza titsu'u'a'adza 'ra ab're na hã, 'reptô na date're ab're dza'ra mono ôdi, 'rehöna, te datsima 're danhipetse dza'ra tedza natsi tsiwi pibu, ibö dzo, ibö höimana wamhã te dza tsiwi tsadzô, tedza tô, te duri wede hã i'uptsibi dzébdá hã, aihini te date're romhuri dza'ra.

Duréi hã, taré 're datsiwatsutu dza'ra mono'ôdi, iwa'öböré hã ab're hã. Duréi hã, ab're wa'ö hã, abadzina, tsibö, wedenhorö, nodzô duré mari mono hã. Awa'awi hã, wahöimana dzé hã ma tsitsapri, ab're wa'öbö na hã, te oto datsi wa'öbö mono dza'ra: Geladeira, Tv, DVD duré tô mari mono hã waradzu te hã; we ôdi, we õnhere nhari waihu'u'ôdi, ari'iwi te tô mari da te're waibu. ãné dahöimana dzé hã.

Uburé wawa töibö wamhã, te dza oto tsô tâma mo, romhuri'wa hã, adö'ö dzô hã, tedza tô tsô ädzé itsöröwa u hã. Tahawi dza tsiwi, wadze dza tsiwi ti'ö ab're u hã, tedza tô äma tsi uiri itsitsânawa hã ry ry tsi na hã, dza tsiwi tisé, awa'awi te dza tsiwi uptsí, uptsibi we na hã. Apö dza otó tâma mo itsitsanawa hã, dza ti'ry ry, waptö baba äma hã.

3.6 Wawa ab're – Cova, buraco – Em língua portuguesa

Fazer a cova para sepultar o morto não é uma tarefa simples e muito menos prazerosa! Cabe lembrar que desde tempos imemoriais a tarefa de fazer a cova sempre coube aos homens do grupo denominado *Wai'a*, ou seja, Guardiões do Cerrado pertencentes a outra metade clânica em que se encontra estruturada a sociedade Xavante. Ainda hoje essa tradição cultural Xavante vem sendo mantida. Assim, como explicitado acima, se o morto pertencer ao clã *Öwawe*, as pessoas denominadas *Wai'a* do clã *Po'redza'öno* fazem a cova para enterrar o morto. E vice-versa.

Já as mulheres Xavante são proibidas de acompanhar este trabalho. Tal proibição justifica-se em função de a tradição cultural Xavante considerar a cova como algo sagrado, logo, interdita às mulheres. Antes de aludir a possíveis discriminações subjacentes a ordem moral que impera na sociedade Xavante, importa lembrar que toda e qualquer sociedade se estrutura a partir de uma dada ordem moral que se justifica a partir do contexto de seu mundo da vida. E, como tal, há que se compreender que, subjacente a uma dada ordem moral, como asseverado por Campbell (2008, p. 29) existe uma clara e manifesta intenção de “harmonizar” o contexto da vida real com as necessidades morais”, que mantêm viva uma estrutura sociocultural de recorrência milenar.

Cabe lembrar que os Guardiões do Cerrado “*DA’ĀMA WAI’A’WA*” recebem toda uma preparação para realizar uma tarefa envolta em um simbolismo prenhe de significados socioculturais. Quando a cova está feita, com aproximadamente dois metros de profundidade, aí os trabalhadores, Guardiões do Cerrado, se dirigem enfileirados à casa do defunto, ou à casa dos seus pais, entram, circulam e fazem as lamentações de praxe dentro da casa. E daí eles levam o defunto para o cemitério¹ sob choros e lamentos incessantes. Quando chegam no cemitério, eles colocam o defunto dentro da cova e depois cobrem com terra

Depois do encerramento desse ritual, os irmãos do morto tomados por uma grande tristeza voltam para casa e choram intensamente o dia e a noite de modo a manifestar o sofrimento pela perda do ente querido!

3.7 Tsada’ré – Bolo: símbolo de paz – Em língua materna

Durêi hã, te datsitsô’re datsiwa’õi’utsi dza’ra, mara na’rata hawi, awe’u niwamhã bötö, te date ãma’re ãputsi dza’ra, datsiwa’õ na hã, tahawa, tedza ÖWAVE wamhã, PO’REDZA’ÕTÕ wamhã, imrõ tãma api, dza ai’u’ré, u’réiwe uptabi na hã, dza “Tsada’ré” ti’õ adö’õ mama nhorowa u hã, nimomo adö hõimana wamhã.

Tedza madzé tsada’ré hã, tamé dza timreme manha, dza tsiwatsu’u wapari dzawite itsi’madzébre na hã, dza tsiwaihu’u, te dza tô tsiwi wapa. Tõibõ parimhã, te dza tô tsiwi tsada’õ, dza tsiwi udze.

Timreme te ‘manhari parimhã dza apõ watobro, tahawi dza natsi ótó ãma mitsitsi dza’ra tiwawa na hã. Āhã datsihõiba’madzatsi hã, ãma idawa dzé pe, iwadzépe.

Āné wahõimanadzé hã, we di, tsawidi, duré we õdi tsi’utõri da hã, wadza tô wa te’re pibui we dza, wa te wahõimanadzé hã.

3.8 Tsada’ré – Bolo: símbolo de paz – Em língua portuguesa

Antigamente, quando a família sofria com a morte de um ente querido, as lamentações, o choro e as lágrimas perduravam aproximadamente vinte e quatro horas. Era a maneira que os familiares encontravam de demonstrar toda a dor que estavam sentindo em função da perda

¹ Cemitério se localiza a trezentos metros da aldeia.

irreparável! Hoje, esta prática vinculada a tradição milenar Xavante, ainda se mantém. Mas, o receio dos anciãos é que as gerações mais jovens a abandonem em um curto espaço de tempo.

A esposa do Pacificador faz um bolo para seu marido levar e se apresentar na casa da família do defunto. O Pacificador escolhido pela família se prepara para realizar o ritual de entrega pintando cuidadosamente o corpo inteiro. Após se pintar, o Pacificador entrega o bolo simbolizando paz. A partir desse momento começam a cessar as manifestações de sentimento de dor, as lamentações e o choro, na medida que a vida tem que seguir o seu curso normal.

Ao se apresentar à família do defunto, o pacificador profere frases de consolo tais como: “*Por favor não choram mais, eu estou aqui para consolar vocês, eu sinto muito pela dor da perda de vocês, mas o tempo de chorar já passou*”. Por isso que para exercer o papel de Pacificador é escolhido um homem sereno, que inspira harmonia, paz e esperança na vida que segue. Assim, o homem com tais virtudes é denominado pelos Xavante de *WAMARIDZUPTETE’WA* (o homem de paz = pacificador). Esse ritual acontece em todas as mortes.

3.9 Da’rãpari – Raspa da cabeça – Em língua materna

Da’rãpari hã, wahöimanadzé, wa te hã, wama itsõmri. Datsitsãnawa, dawi’re dö’ö dza’ra mono wamhã, te aihini ‘re datsi’rãpari dza’ra: Damama, dana, dadub’rada, dano, da’rawapté, damama wapté, datebe, danhihudu, datsani’wa, da’amo, da’ranho’rebdzu’wa, da’ahö na hã, te datsitsô hã ‘re datsi’rãpari dza’ra.

Da’rãpari hã, ãma irotsa’rada hã, dahöimanadzé ité, dapototé, da’wanhiprété, ãné ãma iro watsu’u hã da’rãpari na hã, tahawa te aihini’re da’rãparira.

Itsitsãnawãi ahö hã, ahö na dza tedza tô natsi ‘rãpariré ai’aba’ré. Mara ahö wamhã, te dza tô nimomo apö tsérépa. Pi’õi wamhã, tsõ’rebdzuiré te dza tô natsi tihöimanadza’ra, aibö hã po’re wa’õmoré.

Ãné dahöimanadzé hã, datsitsô datsi’rãpari na hã. Wedi, wa te wahöimana dzé, wedi tsawidi. Ãhãta ãné wahöimana dzé hã.

3.10 Da’rãpari – Raspa da cabeça – Em língua portuguesa

A raspa da cabeça das pessoas da família do morto se constitui em um elemento muito forte no contexto da tradição cultural Xavante. Simboliza respeito à memória do morto! Os anciãos lembram que a raspa da cabeça simboliza também um vínculo com Deus!

Quando morre um membro de uma família, todas as pessoas que possuem algum vínculo familiar raspam os seus cabelos, com grande respeito: pai, mãe, irmão menor, irmão maior, sobrinho, tio irmão da mãe, tia irmã do pai, neto, neta, nora, padrinho dos filhos, todos eles raspam os seus cabelos em sinal de respeito.

Quem tem muitas famílias todas raspam os seus cabelos em sinal de respeito. As mulheres usam cordinhas no pescoço e os homens usam os pauzinhos no buraco de suas orelhas.

Na cosmovisão Xavante, esses rituais fazem parte de suas tradições ancestrais, e como tal trata-se de uma herança cultural que tem de ser mantida pelas gerações atuais.

3.11 Wamari nhimidzu – Colocação da cruz no cemitério – Em língua materna

Adö'ö na mara tsiwaptó wamhã, te dza tô te tsiwi pibu mara te te tsiwi iti hã. Bödö witsi wamhã, aihini dza tsitó, adö'ö nhitsanawã hã, nimomo wamhã, timama nhorõ wa'u wamhã. Tamé dza tsipetse, dza tsi'ma'wamari dza'ra, te dza tô tsitsiptsitsi, dza ai'u're dza'ra, aihini dza tsipro, dza tsitsanahitob'ã'i'ãtsi.

Pra! Nemo dza robra, prówe uptabi na hã, dza tsitsa pari dza'ra.

Ãné na hã, aibö tsi te ãma're höïmanadza'ra, pi'õ hã maredi.

Uburé töibö wamhã, dza watobro, dza tâma mo, dza tsiwi ti'ö "WEDEPAIHI HÃ", tsöré petse na dza tâma mo, dza tsiwa'õ dza'ra, ab're u hã. Te dza tô ãma tanhopréni, pro dzawi na hã dza tô tiprowara, dza tsiwi titsã "i'ru" ãma, tamé dza a'ö aiwa'õ dza'ra tahapari dza apö tâma mo. Dza tâma ãdzé apö 'ripara u hã, dza aiwa'õ dza'ra 'ri paramhã. Taha pari te oto tsiwi 're 'ru da tó hã, dató höïmana da hã. Awa'awi dza 'ritéi'wa hã robdza'ra uiwede da hã. Ãné wahöïmana dzé hã, te're höïmana, wedi.

3.12 Wamari nhimidzu – Colocação da cruz no cemitério – Em língua portuguesa

Na véspera do sétimo dia da morte, as pessoas se reúnem para relembrar a passagem do ente querido. E no sétimo dia, as pessoas comparecem à casa do defunto, aí elas se pintam dentro da casa onde que houve a morte. Os irmãos do morto, em sinal de respeito, usam a pintura muito bonita e bem feita, que é de urucum e carvão, preta e vermelha.

Trata-se de um ritual em que somente os homens participam, por conto da proibição das mulheres!

Quando está tudo pronto, eles saem de casa onde que teve a morte levando a cruz até o túmulo do defunto. As pessoas se dirigem até o cemitério em fila. Quando se aproximam do túmulo formam um círculo ao redor da cova e choram enquanto a cruz é colocada na cova em que jazem os restos mortais do ente querido.

Após este ato voltam para a casa do defunto. Lá os seus irmãos choram mais uma vez. É o mote para iniciar os preparativos do ritual da corrida de tora de buriti, que simboliza a volta da animação entre as pessoas que formam aquela comunidade. A partir deste momento os rapazes voltam a se reunir no *Warã*. Trata-se de um costume Xavante que tem de ser valorizado e repassado como uma tradição ancestral da cultura Xavante.

3.13 *Uiwede (i'rãiwã) - Corrida de tora de buriti – Em língua materna*

Adö'ö nhitsanawã hawi, uiwede date 'ruí wamhã, te dza tô tsiwi wa'õtõ uiwede hã. Dza otó rob'radze hã tihöiba, dza aihini tsitsada tsi'u're, dza natsi tsitsada robdzadzari tsi'uiwa hö amo niwi tsi uiwa na hã.

Adö'ö tsitsanawã dzé ma te tô damé 're tsi'u're dza'ra tãma robdze da hã, uiwede hã, te dame datsi'rai ödi dza, taré dame ai'u're dza'ra.

Tedza tô ãma ai'wapé iharé natsi, mari ãna hã. Dza tsiwi wabdzu 'riteme hã, dza tsiwapsitsi hö amo niwi tsi uiwa na hã. ãné dahöimana dzé hã, we're ihöimana mono hã. ãhã, wate wahöimana dzé iwe, itsawi, wa te reme da maredi, wadza ãma 're wahöimana'u'ö tsi dza'ra tsi'utõri ãna hã.

ãné tsi, wa watsu'u wahöimana dzé hã.

3.14 *Uiwede (i'rãiwã) - Corrida de Tora de Buriti – Em língua portuguesa*

Após os momentos ritualísticos de tristezas, os irmãos do defunto preparam a festa da corrida de tora de buriti. Trata-se de um ritual, que simbolicamente representa o fim da tristeza que tomou conta das pessoas da comunidade.

Então, os padrinhos dos adolescentes de uma das metades clânicas se reúnem para iniciarem os preparativos com vistas a buscar a tora de buriti.

Ao retornarem do mato com a tora de buriti os padrinhos vão se pintar com as cores características que simbolizam a competição com os seus adversários do outro grupo. Inclusive os irmãos do defunto também participam desta atividade ritualística de caráter festivo.

A competição acontece entre os adolescentes dos dois grupos rivais. Porém, cabe ressaltar que se trata de uma competição que visa o estabelecimento da paz, sem espaço para brigas e animosidades outras quaisquer. Que vença o grupo que estiver melhor preparado! Após este ato, a alegria e a vontade de viver começam a se sobressair em relação aos demais tipos de sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, ao abrir mão de um ritual tão fundamental quanto o da morte em conformidade com a tradição cultural xavante milenar, esse povo deixaria de atribuir significado transcendental à morte, em conformidade com seus usos e costumes ancestrais. Ou isto dito de outro modo, se este ritual passar a significar uma mera formalidade, ou seja, sem mais calar fundo na consciência do sujeito enquanto um ritual de passagem para uma dimensão superior, porquanto transcendental, a vida não vale a pena ser vivida. Assim, aos poucos o significado da vida em si também iria sendo banalizado, porquanto passa a valer como uma mera casualidade vinculada à dimensão terrena. Ao contrário, na atualidade prospera entre os *Xavantes* a observância àquilo que possuem de mais sagrado, a saber, o respeito e admiração simbolizados no tratamento dispensado ao ritual de passagem do morto da dimensão terrena à dimensão transcendental do pós morte.

Atualmente, o tempo reservado a realização das atividades vinculadas às tradições socioculturais xavante está se tornando cada vez mais escasso, em função de vários fatores. Um desses fatores é a educação formal com seu calendário pouco flexível, que via de regra não leva em conta a dinâmica social das comunidades xavante. Assim, interromper as atividades didático/científicas para realizar uma festa tradicional não é interpretado pelas autoridades educacionais como atividade pedagógica. A obtusidade é de tal monta que não conseguem perceber que a aprendizagem ocorre nos mais diversos atos realizados pelos humanos, demasiadamente humanos. Ou isto dito de modo ainda mais explícito, todas as ações humanas cotidianas trazem subjacentes a dimensão pedagógica. Assim, aprende-se em sala aula, mas também aprende-se nas atividades cotidianas, desde as mais simples às mais complexas.

A rigor, cumpre registrar, que por mor de espaço e de tempo, não foi possível abordar com a devida profundidade que esta questão requer, a dimensão didático-pedagógica implicada no tema central desta pesquisa, a saber o ritual da morte dos *Xavante*. Porém, fica em aberto a possibilidade de futuras abordagens que focalizem a educação Xavante, tendo como um dos tantos recortes possíveis a questão da sensibilização das crianças e jovens estudantes para que reconheçam a dimensão pedagógica implicada no ritual de morte Xavante. Nesse sentido, o ritual de morte implica na observação de regras, de modos de comportamento, de respeito, de reconhecimento e valorização das realizações em vida daquela pessoa acometida pela morte. No contexto do povo *Xavante* a escola tem que se empenhar no processo de sensibilização das gerações mais jovens para que aprendam a valorizar suas práticas culturais milenares enquanto símbolo de vida preche de sentido.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. O poder do mito. 26.^a ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. São m Paulo: Palas Athena, 2008.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1999.

GIACCARIA, Bartolomeo; HEIDE, Adalberto; LEWIS, Mayburi David. A sociedade xavante: Xavante A'uwe'uptabi – Povo autêntico. São Paulo: Iandé Boletim de Histórias 19, fevereiro 2007.

CONSULTORES NATIVOS

Daniel Xavante Tsi'ômõwe e demais anciãos residentes na Aldeia São Marcos/Barra do Garças/MT.